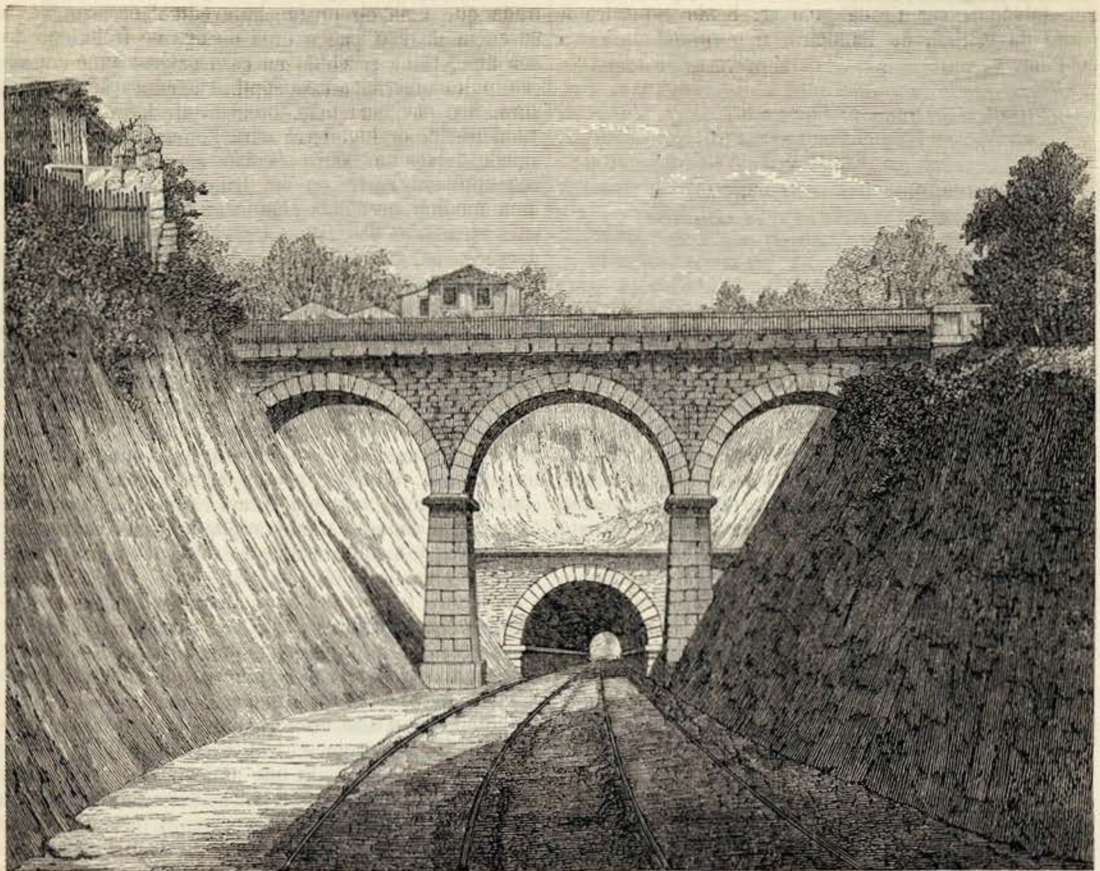


Tunnel da serra do Pilar

Dos tres principaes *tunneis* do caminho de ferro do norte, o da serra do Pilar é o mais pequeno. Tem de extensão 425^m,10; de altura sobre o balastro 6^m; e de largura 8^m. Atravessa a serra de oeste para léste.

Gastaram-se dois annos e cinco mezes na perfuração da montanha e na construcção do *tunnel*, pois que principiaram os trabalhos em 1 de julho de 1861, e concluiram-se em 1 de dezembro de 1863. Em metade d'aquella extensão, pouco mais ou menos, encontrou-se rocha granitica, em partes mais rija do que n'outras. Predominava, em geral, o granito composto de grandes elementos; porém, n'uma extensão de 20 a 30 metros, era a rocha formada de granito porphyroide azulado.

Está situado este *tunnel* na margem esquerda do Douro, entre a estação das Devesas, que fica sobranceira a Villa Nova de Gaya, e é o termo provisorio do caminho de ferro do norte, e o sitio chamado a *Pedra Salgada*, onde se vae construir a ponte sobre o Douro, que deve dar passagem ao dito caminho para a margem direita do rio, no seu seguimento para a cidade do Porto.

Desde a saída do *tunnel* até ao logar destinado para a ponte tem a linha ferrea a extensão de 2:420 metros. Acham-se muito adiantados, ou quasi promptos, os atterros e assentamentos dos carris em toda esta extensão. O risco da ponte, feito pelo sr. Jaubert, engenheiro chefe da construcção, é esbelto e grandioso; produz um bello effeito, e deverá ser uma obra monumental, porém ainda está dependente da approvação do governo.

Na margem direita do Douro, desde a ponte até á estação principal, na cidade do Porto, percorrerá o caminho de ferro uma extensão egual, ou quasi egual, á que medeia entre o *tunnel* da serra do Pilar e a Pedra Salgada.

Saindo da estação das Devesas para o *tunnel* da serra do Pilar, encontra-se, a pouca distancia, uma obra de arte importante. É uma alta ponte de cantaria, chamada *ponte de Villa Nova*, com cinco arcos, de construcção elegante e solida, sobre a qual passa a via ferrea. Esta obra acha-se concluida, faltando-lhe só o balastro.

Está lançada esta ponte sobre um valle ou quebrada entre duas collinas, situadas a léste do monte do Candal, e a oéste da serra do Pilar. Por conseguinte, logo adiante d'aquella ponte começa um longo desaterro, por onde segue a via ferrea, quasi sempre em bastante profundidade, até outra ponte mais pequena, d'onde continúa, tambem entre altas trincheiras, até á entrada do *tunnel* referido. Perto d'esta entrada, a uns 30 ou 40 metros de distancia d'ella, atravessa a via ferrea a estrada da Bandeira sobre uma ponte com um grande e largo arco, que toma toda a largura da via, e dois meios arcos que se vão embeber nas altas trincheiras da mesma via. A ponte é de cantaria, e tem por guardas gradaria de ferro. Aquella estrada, ampla, bem traçada, e de lindas vistas, que conduz do alto da Bandeira até á ponte pensil sobre o Dou-

ro, foi aberta e construida pelo governo, em 1861, para o serviço da mala-posta entre a capital e o Porto.

A nossa gravura, copiada de uma photographia, que julgâmos ser tirada pelo sr. Seabra, mostra a ponte da estrada da Bandeira, e o *tunnel* da serra do Pilar.

I. DE VILHENA BARBOSA.

REGINA

(EPISODIO DAS CONFIDENCIAS)

TRADUZIDO DO FRANCEZ DE A. DE LAMARTINE

(Vid. pag. 276)

XIV

Do retrato que eu tracei de Regina aos dezenove annos se póde concluir o que sería aos quatorze. Clotilde... nunca a vi; não faço idéa d'ella senão pelas descripções da sua physionomia feitas por seu irmão, e pela prodigiosa similhança que, segundo diziam, tinha com este. Pintava-m'a assim: uma donzella de organisação e feições mais italianas do que a propria Regina, de olhos negros, de fronte pallida, de cabellos lisos e escuros, de labios sérios, de expressão pensativa e resoluta, madura antes da edade, triste antes do soffrimento, eloquente antes da paixão, a encarnação de um presentimento da vida, do amor e da morte, a sombra de uma estatua projectada pelo sol na loisa de um tumulo do Vaticano. O seu olhar, dizia-me elle, profundava tudo quanto mirava; a sua palavra esculpia, pelo contrario, o que víra ou imaginára. Gravava-se, d'esse modo, na memoria dos que só uma vez a tinham visto, como se essa pura donzella tivesse o seu quê de feiticeira. Porém essa magia, accrescentava elle, não era terror, era encanto; quem a visse consagrava-lhe um culto admirativo.

XV

Estava já no mosteiro, havia alguns mezes, quando Regina foi para lá, conduzida por sua avó, a fim de completar a sua educação. Regina, amimada e adulada, até ahi, pela condessa Livia, assustada do trajo austero e da velhice das freiras, consagrou, instinctiva e naturalmente, uma tal ou qual idolatria a Clotilde, sua unica companheira. As distracções que os estudos feminis offereciam n'um claustro semi-deserto da Italia não eram taes que fizessem passar as horas, e absorvessem as activas phantasias de duas reclusas d'aquella edade. Toda a gente sabe o que era n'aquelle tempo a vida d'esses conventos: ceremonias religiosas que mais fanatisavam os sentidos do que enlevavam a alma, perfumes, quadros, flores, musica na capella; livros mysticos, procissões, rosarios sem fim e sem idéas, praticas de devoções infantis, costumes, extases apparentes, meditações marcadas pelo ponteiro do relogio a differentes horas do dia; alguns elementos de musica e de poesia sagrada ensinados ás educandas por mestras afiliadas ao convento; vagarosos passeios no recinto claustrado; longas horas de solidão nas suas cellas, a que as noviças eram obrigadas, de tempos a tempos; a diversão de algumas visitas de dignidades da egreja, protectores do mosteiro; os sermões familiares de alguns prégadores celebres da freguezia na quaresma e no advento; a monotonia constante, a bagatella elevada a proporções gigantes, o sensualismo devoto sanctificado pelo mysticismo, ahi tem o que era n'essa epocha a educação na Italia e na Hespanha. Não havia noviciado mais proprio para annullar todas as faculdades do espirito e inflammar ou devorar uma só: a imaginação. Era esse effectivamente o resultado habitual d'essas reclusões das donzellas. Estudos devotos, espiritos vasios, corações apaixonados. Taes saíam de lá essas Orientaes da Europa, a fim de passarem da ignorancia e da puerilidade dos claustros para a liberdade e para a voluptuosidade da vida.

Mas Clotilde, antes de entrar para o convento, entrada que uma circunstancia eventual occasionou, a ausencia de seu pae e uma doença de frouxidão de sua mãe, tinha recebido na casa paterna uma educação muito superior a essa sombra de educação da clausura. Seu pae, sua mãe, uma mestra letrada que haviam trazido de Inglaterra para Roma, tinham-lhe ensinado, talvez um pouco prematuramente, tudo quanto constitue em Paris, ou em Londres, a educação de uma menina prendada. Estudára historia, os principaes elementos das artes; lêra a fragmentos, em traducções, os grandes poetas da antiguidade; fallava tres linguas, que aprendêra de ouvido: o francez, o inglez e o italiano. Ouvira, em casa de seu pae e de sua mãe, as palestras sérias dos homens distinctos d'essas tres nações, palestras que as crianças parece que não ouvem, mas que se lhes gravam na memoria. Os proprios emigrados francezes eram uns audaciosos innovadores, se compararmos as suas idéas e os seus costumes com as idéas e os costumes da Italia monacal. Clotilde, apesar de ser muito religiosa, como sua mãe tambem o era, pairava, ainda que fosse uma criança, n'uma esphera muito superior á ignorancia e á puerilidade das devoções do seu convento.

Trouxera para o mosteiro alguns volumes escolhidos dos seus melhores livros de educação, inglezes e francezes, que as freiras romanas tinham deixado entrar, sem os perceber, cuja leitura a instruia e deleitava, preservando-a da ociosidade e do contagio mexeriqueiro d'esse microcosmo separado da vida intellectual. O exemplo e a conversação de Clotilde instruiam mais Regina do que as fastidiosas lições das freiras, ignorantes como crianças de cabellos brancos.

Regina inspirára a Clotilde, logo á primeira vista, a mesma affeição que a juvenil franceza lhe merecêra.

A formosura, principalmente quando a fórma esse mysterioso enlevo de alma que se chama gentileza, não fascina só, emanando de uma fronte juvenil, o olhar dos homens; impressiona, de um modo differente, mas impressiona tambem a vista e o coração das beldades do mesmo sexo; faz brotar no peito dos homens o amor, no das mulheres a admiração e a sympathia. A formosura é um dom ignoto, uma potencia magica. Nenhum ente vivo póde escapar ao seu influxo. Quem é formosa, é rainha.

As duas meninas exerceram uma sobre a outra a occulta influencia da belleza, que era em ambas diversa, mas da mesma fórma esplendida. Essa mesma diversidade, ou esse contraste da formosura, concentrada em Clotilde, radiante, transparente, explosiva, para assim dizermos, em Regina, foi talvez, sem ellas o suspeitarem, um dos motivos mais fortes da attracção, quasi magnetica, que as impellia uma para a outra. Os contrastes attrahem-se, porque se completam. A amizade d'estes dois anjos passou a ser o unico sentimento de existencia que conservavam n'aquella solidão. As outras meninas eram muito crianças, as freiras muito adiantadas em annos, muito absorvidas nas suas minucias e nas suas praticas devotas; que expansão de affecto podiam ellas proporcionar áquellas duas almas de quatorze e quinze annos? Sentiam que o isolamento, em que estavam, contribuia para augmentar a sua ligação, e com isso se alegravam, porque, ainda que fosse tão innocente como os seus corações, tinha uns laivos de ciume essa amizade; a minima rivalidade de affecto bastaria para as affligir.

XVI

Não dormiam na camarata das educandas mais pequenas; tinham duas cellas, que haviam ficado des-

pejadas por morte de duas das antigas reclusas. Esses aposentos estavam situados ao pé das cellas das freiras. Separava-os um do outro apenas uma parede; recebiam a luz do terraço que ficava por cima do claustro, de maneira que, ainda que as chaves das portas das suas cellas, portas que deitavam para o corredor, ficassem nas mãos da abbadessa, Clotilde e Regina não tinham mais do que abrir as suas janellas e dar tres passos, sem bulha, com os pés descalços, por cima das lages do terraço, para se reunirem n'um dos quartos, e prolongarem, pela noite adiante, as leituras, as palestras, ou os devaneios com que de dia se tinham entretido.

A regra da casa obrigava-as a deitarem-se ás oito horas, ainda que fosse de verão, e, por conseguinte, no momento em que a lua e as estrellas abrilhantam o espectaculo do firmamento, e em que a brisa refrigerante, que desperta a essa hora nas gargantas de Tusculo, de Laricia, ou de Tibur, começa a fazer correr um vago frémito pelas agulhas levemente ondeantes dos cyprestes.

Era exactamente a essa hora que as almas das duas amigas despertavam e começavam a agitar-se tambem, depois da languidez inspirada pelas horas calmosas do dia; era então que sentiam o desejo de gozar o sussurro da folhagem, o murmurio das fontes, esses sonhos sonhados por duas phantasias que se enlaçam, esses deliciosos dialogos a meia voz que duplicam a vida reflectindo-a.

Tambem, quasi todas as noites, assim que as freiras, encerradas nas cellas proximas, esbagoavam as ultimas contas do seu rosario, e apagavam a lampada do seu genuflexorio, uma das duas amigas erguia-se de manso, abria sem bulha a janella e passava para o quarto da sua amiga, que já estava á espera. Alli, sentadas uma ao pé da outra, á borda da cama ou no parapeito da janella, defronte das paredes negras que limitavam o jardim com as suas sombras dentadas, por baixo da abobada estrellada do céo, escutando o ruido eterno da palreira fonte que gemia a seus pés no claustro inferior, deixavam vibrar, sem as ouvir, nos campanarios das egrejas proximas, as horas extaticas d'essas formosas noites.

XVII

E o que ellas fallavam em voz baixa! Fallavam no seu affecto, que ia augmentando de instante a instante, na incessante necessidade que sentiam de se verem e de se tornarem a ver, na saudade que as devorava quando a regra do convento ou as occupações do dia as separavam por um momento, na identidade tão completa das suas sensações, que um só pensamento as fazia brotar, a um tempo, em dois corações e em dois lances de olhos, nos seus estudos, nos seus poetas, na sua musica, principalmente, porque as notas, traducção mais vaga do sentimento, dizem mais do infinito e de paixão do que as palavras; fallavam no ceo, nas estrellas, nas esguias copas dos cyprestes, cuja comprida sombra parecia girar lentamente em torno das arvores funerarias, como ponteiros de mostrador medindo o tempo na areia; nos campos, onde reina a liberdade, nos desertos povoados de ruinas, nos eremiterios ensombrados pelos verdes carvalhaes, nas murmurosas cascatas que se lhes escondiam por traz d'essas grandes muralhas da circumvallação de Roma, nas quintas onde haviam passado a sua infancia, alli por Albano ou Frascati; na felicidade que haviam de sentir quando voltassem juntas para esses paraisos, na epocha em que os vindimadores dos dois sexos, de Itri e de Fondi, dançam nas encruzilhadas antes de adormecerem, ao som das arias napolitanas dos *pifferari;* em fim, nas suas familias, em seus paes, nas suas amas, nas suas patrias, tão afastadas uma da outra; nas tempestades, nas neves, no Oceano, na Inglaterra, na Bretanha, nos castellos sombrios rodeados de torres gothicas d'essas provincias, que estão tão longe de possuir a eterna serenidade das *villas*, que se abrem, por todos os poros, ao sol das collinas romanas.

Essas conversações não se interrompiam, e como que acompanhavam o monotono correr e o melancolico gorgear da Aqua Paulina, que batia lá em baixo na marmorea bacia. Com as cabeças viradas uma para a outra; com os lindos braços entrelaçados umas vezes no collo de Clotilde, outras vezes no collo de Regina; com os fluctuantes anneis dos seus cabellos confundidos pelo sôpro da nocturna aragem que bafejava o terraço, palpitando nas espádoas desnudas, pareciam duas gentis cariátides romanas de candido marmore, collocadas por baixo da varanda de uma *villa* romana, sobre as quaes deslisam os raios da lua, condensa-se ou rareia-se a sombra, e cáem, perola a perola, as gotas de orvalho durante as noites de verão.

Por força que estes colloquios as impressionavam muito, porque Regina, tres ou quatro annos depois, tendo perdido a sua amiga havia muito tempo, não se fartava de se recordar d'elles, e descrevia-m'os n'uma linguagem mil vezes mais sonora e mais impregnada das emanações da terra, do ceo e do coração, que a pobre linguagem que eu emprego.

XVIII

Talvez, tambem, que a profunda impressão que haviam deixado no seu espirito essas nocturnas e secretas conversações com a sua amiga, fosse devida a terem sido ellas a occasião e a origem do seu amor e da sua sorte.

Como era natural, os pensamentos das duas reclusas voavam muitas vezes para as suas familias. Regina da sua não conhecia senão a avó, em cujo palacio de*** fôra educada; sua ama de leite; seu tutor, o principe***, e alguns abbades e *monsignori*, parentes ou amigos da casa, que frequentavam, em Roma ou em***, os salões da condessa Livia. Mas Clotilde tinha pae, mãe, e irmão sobre tudo, companheiro e amigo da sua infancia, exilado agora na sua primeira patria. Fallava n'elle incessantemente á sua amiga, que nunca se cançava de a ouvir; esta queria sempre saber a edade que elle tinha, a physionomia, a figura, as feições, o genio, a côr dos olhos e dos cabellos, e até o som da sua voz e os seus gestos habituaes.

Clotilde dizia-lhe:

— Não preciso estar constantemente a descrever-t'o. Olha para mim. Nunca a natureza creou dois entes mais perfeitamente parecidos no rosto, no coração e no espirito, do que eu e meu irmão. O mesmo seio nos gerou, quasi ao mesmo tempo, no meio dos pensamentos de desgraça, de proscripção e de exilio, que entristeciam e ensombravam o mesmo coração; nascemos nos mesmos climas nebulosos, á beira do mesmo Oceano, ao som das mesmas tempestades; juntos vagueámos nos mesmos berços, por cima das mesmas ondas, procurando, buscando e perdendo successivamente os mesmos asylos; juntos passámos para estes mesmos palacios e para estas mesmas *villas* de Roma, que foi a nossa terceira patria; juntos desabrochámos e exposemos, como duas plantas friorentas transplantadas para o sul, os nossos corpos, os nossos olhos, a nossa alma, aos raios do teu formoso sol; e comtudo, ambos sentimos juntos a longinqua recordação dos nossos primeiros ceos e dos nossos primeiros infortunios, de fórma que ambos conservámos um não sei quê da sombra triste e frigida da Bretanha, no meio do immenso esplendor da tua Italia. Romanos pelos sentidos, bretões pelo coração, ardentes como

o nosso ceo, severos como o nosso antigo solo, scismadores como estas noites, graves como as nossas brumas; aqui tens o que eu e meu irmão somos pelo lado moral. Pelo lado physico, pelo menos quando elle tinha dezeseis annos e que partiu para a Bretanha, se tivesse vestido o meu fato, e eu tivesse vestido o d'elle, talvez nossa propria mãe não conhecesse a troca. Sou a sombra d'elle, elle é o meu espelho. Mas os annos agora hão de o ter mudado alguma coisa. Oh! meu Deus, como eu desejava tornal-o a ver, montado no seu lindo cavallo negro, e vestido com o seu elegante uniforme, cingindo a espada e as pistolas, que elle me descreve com todo o ardor do enthusiasmo militar que os nossos bretões sentem pela carreira que Salucio escolheu.

— E eu, bradava Regina, que vontade que tenho de o conhecer. Parece-me que hei de ver n'elle a tua imagem, que o hei de estimar como te estimo, fallar-lhe como te fallo, e que estaria em tanta liberdade com elle como comtigo.

E as duas amigas beijavam-se e punham-se a rir e a devanear de mansinho, com medo que o sussurro da conversa não fosse acordar as freiras velhas que dormiam ao pé.

XIX

O que era verdade, como Regina me disse depois quando chegou á idade de poder analysar as suas sensações, era que, adorando Clotilde, já sem o suspeitar, estremecia duas pessoas distinctas consubstanciadas n'uma só verdadeira, tinha amizade á sua amiga e ao irmão da sua amiga, o qual, na sua imaginação, se confundia por tal fórma com a irmã, que Regina não podia separar as duas imagens; tanto póde, n'uma phantasia solitaria que se alimenta apenas com uma idéa e com um pensamento, a repercussão continua de um só ente adorado no coração! Regina desdobrava a sua amiga no pensamento para lhe poder ter mais affecto amando-lhe o irmão, n'ella confundido, e amando Clotilde tambem confundida com a imagem d'esse irmão ausente! Não acreditaria nunca n'esse phenomeno que dobra e desdobra o ente amado, e tomal-o-hia por imaginaria concepção de poeta, se o não tivesse visto com os meus olhos na alma de Regina.

XX

Assim decorreram dois annos, sem que variasse a existencia das duas companheiras de solidão, a não ser que ia augmentando todos os dias o seu mutuo affecto, que se ia desenvolvendo a sua alma, completando e amadurecendo a sua formosura. Clotilde estava a fazer dezoito annos, Regina dezeseis. A morte da mãe de Clotilde, consequencia da sua doença de frouxidão, mergulhou sua filha n'um soffrimento lento, angustioso e comprimido, que lhe foi consumindo a existencia. A noticia do fallecimento de seu pae, a forçada e prolongada ausencia de seu irmão, aceleraram a evaporação de uma vida, que só por uma raiz á terra se prendia. Tambem essa ia ser cortada. Espalhou-se pelo convento a noticia de que Regina ia sair em breve para casar com o principe de * * *, parente e amigo do seu tutor.

Effectivamente, a condessa Livia veiu tirar sua neta do convento, a fim de a ter algum tempo em sua companhia na sua *villa* de * * *. As duas amigas não se podiam tirar dos braços uma da outra. Regina jurava a sua avó que antes queria ser *mónaca* toda a sua vida, do que ter de deixar por muito tempo a sua amiga doente. Prometteram-lhe que a ausencia não seria longa, que o casamento seria adiado para d'ahi a dois ou tres annos; foi levada, quasi á força, pela condessa Livia, pelas suas criadas e pela sua ama. As portas do convento cerraram-se de novo sobre a triste Clotilde. Á pobre franceza pareceu-lhe a cella uma noite funebre, um tumulo anticipado, um eterno silencio, assim que o raio de luz desappareceu. Que raio de luz era esse? Era a vida, era a voz de Regina. Nos primeiros dias de novembro augmentou a sua languida frouxidão, empolgou-a a febre nas ardentes garras, as faces accenderam-se-lhe pela primeira vez nas côres com que tingia o sol poente as folhas enregeladas da cerejeira; expirou, chamando pela sua amiga e por seu irmão. Vi o seu tumulo, tendo na lapide esse nome francez, isolado na morte, rodeado por todos os lados de nomes de freiras e de noviças dos estados romanos.

XXI

Regina, que tinham querido poupar a esse espectaculo e a essa afflicção, só pouco a pouco, e muito tempo depois da morte da sua querida Clotilde, é que a veiu a saber. A sua dor vehemente estalou em gritos e soluços, que a pozeram em perigo de vida. A primeira explosão da primeira dor n'uma alma, em que todo o sentimento era apaixonado, ia-lhe arrancando a existencia. Sua avó viu-se obrigada a mandal-a para Napoles, a fim de constranger os seus olhos e a sua alma a distrahirem-se d'esse pensamento unico, pela diversidade dos panoramas, pela agitação das horas, pela falta de permanencia n'um sitio qualquer; porém a imagem de Clotilde interpoz-se constantemente a ella e á natureza. A mortalha da sua amiga desdobrava-se na terra e no mar. O mundo inteiro encerra apenas a nossos olhos o que elles vêem no nosso fôro intimo. Os seus parentes nutriram longas e sérias inquietações; porém a sua juventude e a seiva da sua vida, superabundante e sempre renovada, incorruptivel e inesgotavel, levaram de vencida a amargura da sua alma. Viveu, e aformoseou-a o lucto, que não quiz largar, como se tivesse perdido uma irmã. Fez de todas as joias, de todos os cabellos, de todos os lavores femininos, que Clotilde lhe dera durante a sua longa e terna intimidade do convento, reliquias de ternura, que trouxe sempre comsigo. Collares, pulseiras, brincos, anneis, fivelas de cintos, broches, coral ou perolas, tudo lembrava Clotilde, nos seus cabellos, no seu pescoço, no seu peito, nos seus braços, nos seus dedos; tudo lembrava Clotilde, principalmente no seu coração. Juntára esse nome ao seu rosario como um talisman; pronunciava-o em todas as suas orações, com uma invocação idólatra a alguma creatura divinisada que lhe houvesse apparecido na terra no principio da sua peregrinação, e que devia ter ainda uma influencia celeste no seu destino. Clotilde era o perpetuo *sursum corda* de Regina. Sua avó, pessoa simples e bondosa, não contrariava nenhum d'esses caprichos da saudade, associava-se a todas essas praticas do culto á memoria da amiga que sua neta tanto adorava, e mandava dizer missas aos centos em todas as capellas pelo descanço da alma d'essa pobre francezinha, que não tinha n'este mundo nem mãe, nem irmã que lhe fossem verter lagrimas sobre o tumulo.

(Continua) M. Pinheiro Chagas.

VILLA DE AMARANTE

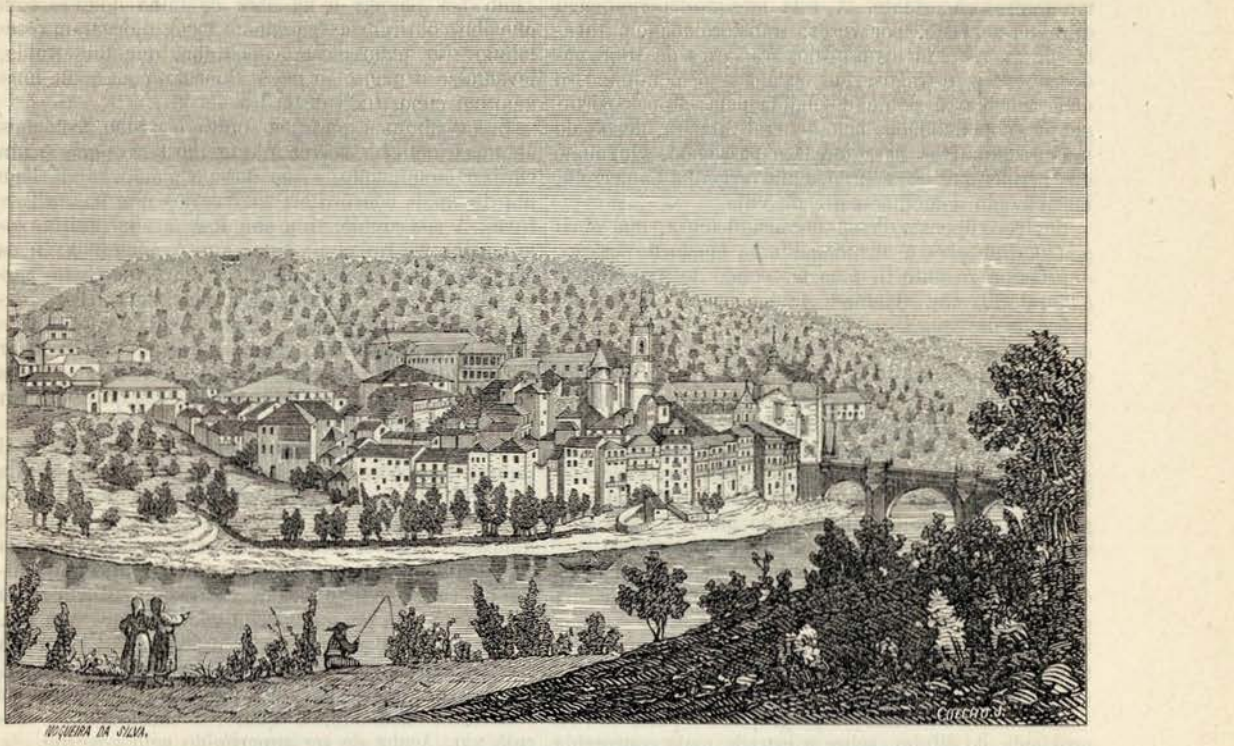
É mui linda a situação d'esta villa em meio do formosissimo valle banhado pelo Tamega. Sentada na encosta de um monte arborisado, na margem direita d'este rio, vem descendo entre arvoredos até se espelhar na corrente fugitiva. Dista da cidade de Guimarães, para o sueste, vinte e cinco kilometros; dez

de Canaveses; e vinte da foz do Tamega, no rio Douro, junto á povoação chamada D'Entre ambos os Rios.

Sóbe a primeira fundação d'esta villa a tão grande antiguidade, que se lhe não sabe a origem, a não se querer dar credito ás opiniões infundadas de alguns escriptores nossos antigos. Dizem esses auctores que foi fundada pelos turdetanos da Lusitania, 360 annos antes do nascimento de Jesus Christo; e que no tempo da dominação de Roma a governára e augmentára um capitão romano chamado Amaranto, o qual lhe trocou pelo seu nome o primeiro que lhe fôra posto pelos turdetanos, e que os ditos auctores ignoram. Como prova d'esta opinião apresentam a inscripção de uma sepultura romana, achada em Braga, quando se abriam os alicerces do hospital de S. Marcos. A inscripção é a seguinte: *Amarantus Senecionis H. S. E.*, que posta por extenso diz: *Amarantus Senecionis Hic Sepultus Est;* e em vulgar: *Aqui jaz sepultado Amaranto Senecio* ou *Senecione.*

Pretendem outros, julgando fabulosa esta etymologia, que o seu nome actual é corrupção de *Antemaranum*, e que assim era chamada sob o dominio dos romanos, por se achar a uma legoa da serra do Marão, na estrada principal do Porto, então denominado Cale, para a provincia de Traz-os-Montes.

O que parece fóra de duvida é que existiu n'aquelle logar, em tempos muito remotos, uma povoação que se arruinou e extinguiu, provavelmente pelos effeitos da guerra na invasão dos povos do norte, ou na dos arabes. Não havia, porém, vestigio algum d'ella, e era



Villa de Amarante

um sitio completamente ermo até ao anno de 1250, em que S. Gonçalo, que ao diante foi conhecido com o sobrenome de Amarante, voltando de uma peregrinação á Terra Santa, ahi construiu, no declive do monte para o rio Tamega, uma ermidinha que dedicou a Nossa Senhora da Assumpção, onde viveu santamente o resto de seus dias, morrendo com fama de predestinado, pelos annos de 1262. [1]

Trocando o mundo pela solidão, não se limitou o santo eremita, na sua vida ascetica, ás praticas austeras de uma devoção sómente util para a sua alma. S. Gonçalo era alli como um braço da Providencia para amparar os que, em meio de tal deserto, demandavam soccorro e conforto. Para os caminhantes perdidos era um guia fiel e zeloso. Para os que via extenuados pela fome ou pela fadiga, ou prostrados pela molestia, era um hospitaleiro que a todos recolhia e agasalhava, conforme podia; consolando e confortando christãmente o espirito d'aquelles a quem lhe não era dado remediar os padecimentos do corpo. Foi levado d'este amor da caridade, que o fazia cogitar e occupar-se, sem descanço, das necessidades do proximo, que elle imaginou fazer, e com effeito fez, á custa de muitas diligencias e trabalho, e á força de incrivel perseverança, uma ponte sobre o Tamega, para evitar muitos incommodos, e não poucas desgraças, aos viajantes que tentavam passar o rio a váo na estação invernosa. N'esta ponte, que foi a primeira no dizer de uns, e conforme outros a segunda que alli se construiu, trabalhou o santo com as suas proprias mãos, ajudado de alguns poucos obreiros. [1]

Póde-se bem julgar qual sería o sentimento dos povos d'aquelles arredores pela morte de um varão tão justo, de um bemfeitor que todos que o procuravam se costumaram a considerar como pae. Portanto, á medida que esta triste noticia ia chegando ás povoações, onde eram conhecidas as virtudes do bom eremita, e que certamente eram quasi todas as terras do Minho e Traz-os-Montes, estabelecia-se logo uma romaria a visitar a sepultura d'aquelle que só vivêra e trabalhára para bem dos seus similhantes.

[1] Segundo uma outra opinião, S. Gonçalo não edificou a ermida, mas aproveitou uma que ahi encontrou abandonada, isto é, sem imagens, nem culto, nem porta, a qual tinha bastante antiguidade.

[1] Ha quem pretenda que n'este logar fundára o imperador Trajano uma ponte, que se arruinára pelas invasões que se succederam na Lusitania á quéda do imperio romano, mas da qual restavam vestigios de que se aproveitou S. Gonçalo, fazendo uma reedificação, e não fundação. Esta é tambem a tradição popular.

A concurrencia dos fieis á ermida de Nossa Senhora da Assumpção, onde estava enterrado o servo de Deus, que o povo já tratava e venerava por santo, foi causa de se estabelecer ahi immediatamente uma casa de venda; logo depois uma estalagem para os peregrinos; mais tarde outras, em razão de não ser bastante uma só para accommodar a gente que de longes terras affluia a trazer offerendas, orações, e promessas a S. Gonçalo. Tal foi o principio da actual villa de Amarante. O commercio acudindo onde se fórma qualquer centro populoso; varios fidalgos procurando viver sobre a égide das santas reliquias; e outros attrahidos da amenidade da situação, foram edificando em torno da ermida casas com que guarneceram uma comprida rua, e differentes travéssas.

Amarante nunca teve cerca de muralhas, nem castello que a defendesse; todavia é uma posição militar muito importante. A esta mesquinha vantagem deve ter-se visto, por vezes, transformada em theatro de guerra. Na invasão dos francezes de 1808 padeceu crueis estragos. Foi occupada pelo inimigo, o qual achando a ponte defendida pelas tropas portuguezas, commandadas pelo general Silveira, depois de inuteis tentativas para forçar a passagem, vingou-se das perdas que ahi soffreu, e da vergonha da derrota, incendiando a melhor parte da villa.

Em recompensa d'essa heroica defensa, que obrigou os francezes a abandonar uma tão forte posição, o principe regente D. João fez conde de Amarante o general Silveira. Quatorze annos depois chegou ahi á frente de tropas um filho d'este general, e a villa de Amarante tornou a ser campo de batalha. Porém d'esta vez os combatentes eram todos portuguezes, e o filho do heroe da independencia da patria era agora chefe de uma rebellião militar contra a liberdade dos portuguezes. O conde de Amarante, á frente de alguns regimentos revoltados contra as cortes de Lisboa, foi derrotado pelo general Luiz do Rego n'essa propria ponte que fôra theatro da gloria de seu pae, que seguia as bandeiras da honra e da lealdade.

Com estas guerras, principalmente com a dos francezes, empobreceu a villa, e diminuiu muito a sua população; pois que as familias mais ricas e mais illustres, ficando com as casas reduzidas a cinzas, foram-se estabelecer e gastar os seus rendimentos para outras terras. Comtudo a fertilidade do seu solo, e as vantagens da sua situação geographica á porta da rica provincia do Minho, sobre a estrada mais concorrida da provincia de Traz-os-Montes, compensaram-n'a de algum modo d'essas desditas e prejuizos. As casas queimadas ainda lá jazem em ruinas, porém edificaram-se muitas outras com que se formaram novas ruas.

Teve a villa de Amarante uma singularidade, que não sabemos que se désse egual em outra terra do reino. Anteriormente ás modernas divisões judiciaes e administrativas, quer dizer, até ao anno de 1834, o termo d'esta villa era o mais pequeno que havia n'este paiz, e ainda além d'isto dava-se n'ella a circunstancia celeberrima de existirem em uma rua, que é a que conduz de um lado para o Porto e mais terras do Minho, e do outro para Traz-os-Montes e Beira, tres jurisdicções civis, tres ecclesiasticas, tres foraes e tres pelourinhos.

Actualmente é cabeça de comarca e de concelho. Encerra este mais de 4:200 fogos.

Outr'ora constava apenas esta villa, como acima dissemos, de uma rua, com algumas travéssas, a qual principia ao pé da ponte, e vae subindo pela encosta do monte, com mais ou menos declive, e de modo que descreve uma grande curva. É n'esta rua que estão os principaes edificios, tanto publicos, como particulares. Estes ultimos, porém, conservam-se no estado de ruina em que os deixou o incendio ateado pelos francezes. Depois d'esta catastrophe começou-se a povoar uma nova rua, correndo por baixo d'aquella, e na mesma direcção até á ponte.

Na primeira d'estas ruas está o convento da extincta ordem dominicana, junto da ponte. Foi fundado no anno de 1543, reinando D. João III, que concorreu para as obras d'elle, assim como seu neto, el-rei D. Sebastião, em cujo tempo se acabou. Na sua egreja, dedicada a S. Gonçalo, está a unica parochia que tem a villa. A capella-mór foi edificada no proprio logar em que estava a ermida de Nossa Senhora, onde viveu e jaz sepultado S. Gonçalo; mas o architecto que fôra mandado da corte por el-rei D. João III, em desempenho da recommendação que lhe fizera o mesmo soberano, traçou a capella-mór de maneira que a ermidinha ficou dentro d'ella, a um lado, e se conserva apenas differente do que era em vida do santo nos paineis e na obra de talha doirada com que lhe cobriram as paredes e tecto, e ornaram o retabulo. No meio d'esta capellinha, que foi ermida, levanta-se o mausoleo de S. Gonçalo, com a sua imagem em cima, tudo de pedra.

Reservamo-nos para em outra occasião dar mais algumas noticias ácerca d'este mosteiro, que é um curioso monumento, e, ao mesmo tempo, ainda hoje um dos mais concorridos sanctuarios que ha em Portugal. A sua architectura singular; a sua posição sobranceira ao rio e á ponte, que é magnifica; e os arvoredos que a rodeiam, offerecem á vista uma perspectiva variada, pittoresca e formosissima. O sr. Seabra tirou, entre outras, duas excellentes photographias do mosteiro e da ponte, que contâmos publicar em gravura, e que de certo hão de ser tidas pelos nossos leitores na conta das mais bellas que adornam este semanario.

Antes da fundação do convento, a egreja parochial tinha a invocação de S. Verissimo. Por instancias da rainha D. Catharina, mulher del-rei D. João III, foi doada esta egreja aos frades de S. Domingos, que a mudaram para o templo do seu convento, e n'ella apresentavam annualmente o parocho, que era sempre um religioso dominicano. Por essa occasião deixou o antigo orago, passando a intitular-se de S. Gonçalo.

Subindo pela rua que fica referida, está logo acima do convento de S. Gonçalo o mosteiro de S. Clara, de freiras franciscanas, de que eram padroeiros os condes de Redondo, o qual foi construido no seculo XVI. Acaba de ser supprimido pelo governo.

Continuando a subir, encontra-se no meio da calçada a egreja de S. Pedro, com o frontispicio para um pequeno terreiro. É servida e administrada por uma confraria de clerigos. Mais acima está, do lado direito, a antiga casa da camara e a cadeia. É edificio acanhado e mesquinho. D'esse mesmo lado, no mais alto da calçada, acha-se a egreja da Misericordia, cuja fabrica não se faz notavel por especie alguma de merecimento artistico.

Em logar ainda superior á misericordia, está o campo da Feira, com uma capella de Nossa Senhora da Ajuda. Fazem-se n'este campo as feiras de gado, e antigamente, por occasião das festas de S. Gonçalo e de outras solemnidades, ahi se costumavam fazer cavalhadas, jogos de cannas, etc.

Estes são os principaes edificios da villa. Além d'elles ha diversas ermidas, e o hospital administrado pela irmandade da misericordia, e situado na dita rua, proximo do rio.

N'esta parte baixa da povoação ha duas fontes, e correm dois ribeiros, que ahi vem desaguar no Tamega. Uma d'estas fontes, chamada de S. Gonçalo, brota entre as costas da capella-mór da egreja da mesma invocação, e a entrada da ponte, mas em logar mais baixo que o pavimento d'esta, de sorte que é preciso descer uma escada de pedra para ir buscar

agua. Em um degrau d'esta escada lê-se a seguinte inscripção sepulchral: *Aqui jaz Gaspar Gaio, que aqui se mandou sepultar em reverencia do Senhor S. Gonçalo.* Entesta o degrau com o cunhal da capella-mór, a que corresponde interiormente a capellinha que encerra o tumulo de S. Gonçalo. Porém a fonte de melhor agua de que se fornece a villa chama-se da Feitoria, e fica defronte do convento.

Na parte alta da villa vem desembocar na rua principal duas ruas travéssas chamadas do Porto e de Guimarães, porque d'ellas seguem as estradas reaes para as duas cidades de que tiram o nome. A rua do Porto estende-se para oéste, e a de Guimarães para o norte.

A ponte, de fabrica moderna, elegante e magestosa, communica a villa com os antigos concelhos de Gouvêa e de Gestaço, cuja povoação principia junto da mesma ponte, e se compõe de uma extensa rua, chamada *Covelo*, toda guarnecida de casaria, servindo de tronco a duas importantes estradas que no fim d'ella tem começo, dirigindo-se uma pela serra do Marão e Villa Real á provincia de Traz-os-Montes, e a outra, por Mezão Frio e Lamego, á provincia da Beira Alta. Outr'ora o termo de Amarante para este lado apenas abrangia metade da ponte, pertencendo a outra metade aos referidos concelhos de Gouvêa e Gestaço. O lado direito da rua de Covelo era do concelho de Gouvêa; e o esquerdo do concelho de Gestaço, cada um com sua casa de camara, cadeia, etc.

No meio da ponte construida por S. Gonçalo havia um cruzeiro que marcava o limite dos dois concelhos. Actualmente, a rua de Covelo é arrabalde, e faz parte do concelho de Amarante.

Logo no começo d'esta rua, junto da ponte, vê-se uma casa, que mostra, ou mostrava ainda não ha muito, vestigios de bastante antiguidade, revelando a nobreza da sua origem no titulo de *paço* com que a decoram, e por que é conhecida. Era o *paço dos Sousas*, condes de Redondo, e senhores d'este concelho. N'este arrabalde ha tambem varias ermidas.

Os suburbios de Amarante são deliciosos; no valle do Tamega pelos prados, pomares e arvores silvestres que bordam as risonhas margens do rio; nos montes que dominam a villa pelos encantadores panoramas que os olhos d'alli relanceiam.

Assim como a villa contava, antes da invasão franceza, muitas casas de familias nobres, tambem os arrabaldes se ufanam de possuirem muitas quintas com boas casas de residencia pertencentes a diversos fidalgos, alguns dos quaes vivem na capital.

O concelho de Amarante contém terrenos muito productivos. Os principaes fructos que recolhem são legumes, cereaes, batata, vinho verde, castanhas e outras frutas. Algumas d'estas são de excellente qualidade, especialmente os pecegos, que são afamados pelo seu tamanho e sabor, e que podem competir com os de Alcobaça e Caldas da Rainha, posto que em todo o Minho passam por serem os melhores do reino.

Ha no mesmo concelho bastante criação de gados. O Tamega cria algum peixe propriamente seu, mas pouco delicado. Entretanto, na epocha competente, pescam-se n'elle muitos saveis, lampréas e mugens, que sobem pelo rio vindo do Douro.

A industria fabril está alli dignamente representada por uma grande fabrica de lanificios, se não nos falha a memoria, fundada modernamente no logar de Pedernello, distante de Amarante obra de 4 kilometros.

Amarante foi berço de diversos homens que se illustraram nas letras e nas armas, taes como, entre outros, D. Alberto da Silva, arcebispo de Goa; D. fr. Antonio de Guadalupe, bispo do Rio de Janeiro; fr. João de Deus, auctor genealogico; João Pinto Ribeiro, um dos principaes instrumentos da heroica empreza da restauração da independencia de Portugal, em 1640, e auctor de varias obras muito estimadas; e Paulino Cabral de Vasconcellos, poeta jovial e satyrico, mais conhecido pelo nome de abbade de Jazente, ou abbade Paulino.

I. de Vilhena Barbosa.

O CHANCELLER BACON

(Vid. pag. 254)

VII

No seculo XVI havia rebate geral nos arraiaes da humanidade. A insurreição intellectual ia lavrando intensa desde o ultimo occidente das Hespanhas até ás derradeiras povoações da culta Europa, do septentrião e do oriente. Colombo e o Gama, Copernico e Luthero eram os chefes das tres mais audazes rebelliões intellectuaes a que o espirito se tinha levantado contra a soberania da tradição. A revolução espiritual era ao mesmo tempo revolução da humanidade. A liberdade de pensar, exemplificada n'estas primeiras emprezas memoraveis, seguiu de perto a invenção da imprensa. A civilisação moderna brotava ao mesmo tempo de muitas fontes inexhauriveis.

Eram chegados os tempos de uma profunda renovação. Abrira-se a vastissima officina do trabalho intellectual. O prelo jorrava do centro d'ella ondas de luz até então desconhecidas. Os operarios diligentes meneavam os instrumentos do seu lavor espiritual. A sciencia antiga mesclava ainda os seus erros á sciencia nascente dos nossos dias. As fórmas litterarias da antiguidade appareciam no seu relêvo gracioso, exhumadas, com enthusiasmo quasi religioso, pelos cultores da musa classica. O entendimento era um amplissimo bazar, onde jaziam, sem classificação e sem harmonia, as idéas truncadas da sciencia greco-romana, e da esteril philosophia da meia edade, ao lado das concepções incompletas da razão emancipada. A humanidade culta, voltada para as luctas theologicas á espera do que produziria o embate violento da heresia e da fé; voltada para os philosophos, á espera de que lhe ensinassem até onde podiam chegar as conquistas da razão. A anarchia, em fim, que succede á ruina dos grandes imperios. Diante dos argonautas do pensamento, como ante os olhos de Colombo e de Vasco da Gama, um mar ignoto, immenso, infestado de parceis, prenhe de tempestades, mil vezes entenebrecido de perigosas cerrações. Era necessario quem escrevesse o roteiro do pensamento, quem lhe désse uma bussola, uma ancora, uma carta, e, ao engolfar-se a razão no pélago immenso das suas futuras explorações, lhe clamasse da praia: *Boa viagem!*

Era necessario um legislador do espirito. E como as revoluções se extenuam em esforços sobrehumanos á procura do seu fim, quando não surge das turbas um guia para as conduzir; como a harmonia é o supremo resultado a que vão tendendo as mais temerosas revoluções do espirito e da natureza, era mister que um engenho privilegiado viesse dictar o codigo do pensamento, e escrever o novo testamento da razão.

Esse grande legislador chamava-se Francisco Bacon.

Francisco Bacon, barão de Verulam, visconde de S.t Albans, grão-chanceller de Inglaterra no reinado de Jacques I, nasceu em Londres, no sitio chamado Strand, a 22 de janeiro de 1560. [1] Seu pae foi Nico-

[1] É esta a data que ao nascimento assigna a *Vida de Francisco Bacon* (Francisci Baconi Vita), impressa á frente das obras completas do chanceller (Francisci Baconi opera omnia), impressas em Francfort sobre o Meno, em 1665, a expensas de João Baptista Schonwetter, e a que indicam tambem outras biographias do mesmo escriptor. No art. *Bacon* da *Encyclopédie Méthodique, Philosophie Ancienne et Moderne*, t. I, pag. 290, fixa-se em 1561 o anno em que nasceu o illustre philosopho inglez.

lau Bacon, que, durante o reinado de Isabel de Inglaterra, exerceu os mais eminentes cargos da politica e da magistratura, até luzirem os seus dotes de estadista e jurisperito no officio de grão-chanceller. Chamava-se a mãe Anna Cok, e foi filha de um illustre cavalheiro inglez, a quem fôra confiada, nos primeiros annos, a educação de Eduardo VI, que depois viera a reinar na Gram-Bretanha. Referem os biographos que fôra esta dama por suas exemplares virtudes não menos eminente que pela cultura e gentileza de seu espirito, ornado de não vulgar erudição greco-romana; como se a Providencia se houvera comprazido em que de tão auctorisados ascendentes nascesse quem havia de primar na agudeza do engenho e na opulência da erudição.

Logo ao primeiro alvorecer da sua razão, denunciou Francisco Bacon para quanto havia de servir o seu original e fecundo entendimento. Pertencendo pela estirpe á antiga fidalguia de Inglaterra, saudado ainda no berço pelo fausto e pelo esplendor dos altos officios e valia de seu pae, favorecido pela natureza com estes inestimaveis predicados, que o poderiam levantar da obscuridade se não tivera nascido no proprio seio das grandezas humanas, o futuro instituidor da philosophia moderna deveria, desde os primeiros annos, achar entre os carinhos paternos os mais solicitos cuidados pela sua primorosa educação.

Apenas chegado áquella edade em que os homens vulgares aprendem os primeiros rudimentos da sua lingua natural e a parte mais facil das humanidades, o moço Bacon era mandado por seu pae á universidade de Cambridge, que, por aquelles tempos, com a de Oxford repartia o principado intellectual. Entrou Francisco Bacon a cursar os seus estudos no celebrado collegio da Santissima Trindade, um dos muitos que ainda hoje existem encorporados na antiquissima universidade cambriense. Teve alli por guia e conselheiro em sua educação litteraria a João Whitgist, doutor em theologia, então prefeito do collegio, e annos depois assumpto á egreja primacial de Cantuaria, já na hierarchia da egreja anglicana, que, por aquelles tempos, se constituia nas bases da reforma protestante, começada por Henrique VIII, definida por Eduardo VI, e continuada por Isabel. Nas escholas, referem os biographos, foram preeminentes os loiros academicos ceifados pelo futuro chanceller. A natureza e a fortuna consociavam-se, d'esta vez amigas e bem avindas, para tornar facil e gloriosa, desde o seu principio, a carreira do illustre reformador. Se tantas vezes o talento para luzir tem necessidade de se purificar no chrysol da adversidade; se a penuria e a fome suspendem muitas vezes o trabalho, ainda obscuro, dos grandes bemfeitores da humanidade, não raro tambem a Providencia lança os germens do talento nas familias opulentas e poderosas, aonde as tentações da grandeza e da vaidade são ás vezes obstaculo e resistencia ao duro ascetismo do pensamento e da sciencia.

É quasi inutil observar que na academia de Cambridge dominavam soberanamente as doutrinas escholasticas. Universidade aristocratica, como ainda é hoje, infiltrada de preconceitos senhoriaes, essencialmente conservadora, reaccionaria, hostil a innovações, como todas as aristocracias solidamente radicadas, a academia de Cambridge não havia de ser a primeira a renegar o despotismo da auctoridade, a depor solemnemente a tyrannia de Aristoteles, a proclamar os fóros da razão, a criticar a esterilidade da philosophia então vulgar, e a evangelisar a reformação nas regiões da sciencia, como fôra prompta em acceital-a nos dominios da fé religiosa.

Adivinha-se que já desde os bancos da universidade, em presença dos representantes officiaes da philosophia decrépita, havia Bacon de arrancar os primeiros vôos, na sua convicta protestação contra a auctoridade do grande mestre. O seu espirito recto, pensador, indocil ao jugo da tradição, comprehendêra a vacuidade d'esta philosophia, cuja arma principal, cujo instrumento mais poderoso era a dialectica, sciencia que ensinava a disputar sobre a verdade, sem patentear os caminhos de a saber; gymnastica intellectual que adestrava a intelligencia, sem poder servir á hygiene do pensamento; esgrima pueril que podia conceder triumphos á vaidade, mas não podia apparelhar victorias á sciencia; disciplina apparatosa, mas sem fructo, a qual, na efficacia dos resultados, se parecia tanto com a verdadeira philosophia, como um torneio cavalleiroso da edade média com as batalhas decisivas de Napoleão.

Terminados os estudos de Bacon em Cambridge, antes que elle tivesse cumprido dezeseis annos, enviou-o seu pae ao continente da Europa, para que, segundo o costume da aristocracia britannica, viesse confirmar e fortalecer a sua educação. Destinado a exercitar officios politicos n'um estado onde a nobreza justifica, em certa maneira, pela sua cultura intellectual, os privilegios da sua raça, o joven Francisco Bacon passou a França em companhia de Powlett, que então era mandado como embaixador ao rei christianissimo. Tão peregrino era o engenho do futuro chanceller, que, apesar de estar apenas na primeira adolescencia, foi mandado pouco depois, pelo legado britannico, a conferir graves negocios da embaixada com a propria rainha Isabel, a qual, em extremo satisfeita da capacidade de Francisco Bacon para os negocios politicos, o tornou a enviar á corte de França, d'onde, passados alguns annos, voltou a Inglaterra.

Andando Bacon na corte del-rei de França, veiu a fallecer seu pae, o velho chanceller Nicolau Bacon. E posto que, no exercicio dos altos cargos que occupou, podéra accumular boa cópia de riquezas com que deixar bem herdados a seus filhos, todavia, como eram muitos e a fazenda escassa para tantos, ficou Francisco Bacon, porque era o ultimo-quinto, mal partilhado na herança, com o que, nos seus primeiros annos, lhe succedeu á largueza e abundancia da casa paterna a mingua e estreiteza da fortuna.

Terminado em França o primeiro tyrocinio dos negocios de estado, e familiarisado já Francisco Bacon com a politica, as instituições e os costumes do continente, volveu á patria, onde era tempo de eleger a profissão mais accommodada ás tradições dos seus maiores, e á indole estudiosa do seu espirito. Principiou por se aperfeiçoar nos conhecimentos do direito commum inglez, examinando estas singulares instituições civis, que tanto distanceiam a Gram-Bretanha de todos os paizes regidos pela directa e profunda influencia da legislação e jurisprudencia romana. Para aprender as formulas e actos do complicadissimo processo nos tribunaes britannicos, entrou como socio na companhia de advogados, conhecida pelo nome de *Gray's Inns*, por celebrar as suas reuniões junto do tribunal que em Londres existia n'aquelle sitio.

Não era, porém, o ambito do fôro inglez estadio bastante aos vôos de um espirito predestinado para dictar leis á philosophia e escrever o codigo da razão. Ao estudo dos praxistas britannicos juntava Bacon a meditação dos negocios publicos, e era facil adivinhar que no juvenil jurisconsulto sobrelevavam ás tendencias da advocacia as propensões para os mais eminentes officios da republica.

A primeira graça que o seu engenho lhe conquistou foi a de ser eleito pela rainha Isabel para seu advogado extraordinario, contando apenas vinte e oito annos de edade; nomeação que foi antes devida á fama dos seus talentos, que a favor e reconhecimento pelos serviços e meritos paternos.

(Continúa) J. M. LATINO COELHO.